

# ÍNDICE

Introdução.....	9
-----------------	---

## I.

### NO COMEÇO

Do corpo de Ymir.....	31
O dia e a noite, o sol e a lua.....	39
O aparecimento dos anões.....	43
Um deus entre humanos.....	47
A primeira guerra.....	53

## 2.

### DEUSES E GIGANTES

As muralhas divinas.....	63
O hidromel da poesia.....	70
Um lobo indomável.....	78
Os tesouros dos deuses.....	86
O rapto de Idun.....	94
Um casamento falhado.....	101
A paixão de Freyr.....	108
O roubo do martelo.....	117
Uma visita a Utgard.....	125
Thor vai à pesca.....	138
O duelo com Hrungnir.....	144
Thor enfrenta Geirrod.....	152

Odin é expulso.....	161
O ferreiro divino.....	167

3.

O OURO DO RENO

A maldição .....	177
As aventuras de Helgi.....	184
Sigurd no covil do dragão .....	197
A valquíria no cimo da montanha.....	208
Duas mulheres e dois noivos.....	215
A vingança de Brynhild.....	220
Um marido novo .....	228

4.

LENDAS DAS SAGAS

Rollo, o Caminhante .....	239
Um devoto de Thor .....	243
Egill e o rei Eric .....	253
Hákon e os ritos pagãos.....	271
Assombrações.....	281
A vidente .....	293
A aventura americana.....	301

5.

RAGNAROK

A morte de Baldr.....	317
O fim dos deuses .....	330
Conclusão .....	341
Glossário .....	347
Bibliografia.....	371

## INTRODUÇÃO

*«Silêncio eu peço a toda a prole santa,  
maior e menor, os filhos de Heimdall;  
Pai dos Caídos, quiseste que eu contasse bem  
as histórias antigas dos homens,  
as primeiras de que eu me lembro.»*

*Edda Poética: Völuspá 1*

O martelo de Thor, as batalhas contra os gigantes, a beleza de Freya, o sacrifício de Odin, as travessuras de Loki, a Árvore do Mundo, Ragnarok. Estes e outros elementos da mitologia nórdica não serão desconhecidos para parte do grande público nacional, nem que a única coisa familiar sejam os nomes, fruto da sua popularização pela literatura moderna, séries de televisão e cinema. Menos famosas são as narrativas originais, os textos medievais que as preservaram e os vários problemas críticos que lhes estão associados. Compreende-se porquê: em Portugal, as fontes escandinavas são muitas vezes obscuras e nem sempre acessíveis, pelo que a distância geográfica em relação ao norte da Europa tem um paralelo intelectual no desconhecimento da sua História e literatura. É para nós algo longínquo, ao contrário de Espanha ou França, países próximos cujo passado e cultura cruzam-se tantas vezes connosco.

Por isso, numa tentativa de encurtar essa distância e dar a conhecer mitos e lendas nórdicas, deu-se forma ao presente livro,



que reúne várias narrativas baseadas nos textos medievais, conjugadas com uma análise crítica, uma bibliografia sólida e um glossário final. E espera-se que estas páginas sejam não apenas esclarecedoras e agradáveis de ler, mas também um instrumento de trabalho para quem quiser navegar pelos meandros de um mundo antigo que pode ser do norte da Europa, mas com o qual partilhámos origens remotas.

## ANTEPASSADOS COMUNS

A mitologia nórdica insere-se no universo das culturas indo-europeias, que derivam da de comunidades que, há milhares de anos, migraram progressivamente das suas terras de origem, talvez as estepes russas ou a Ásia central, e fixaram-se na generalidade da Europa, no norte da Índia e em parte do Médio Oriente.

Com elas levaram a sua língua e religião, formando assim a base cultural comum de um grande número de povos: os iranianos, portugueses, gregos, suecos, russos, alemães, irlandeses, arménios, lituanos e indianos - para dar apenas alguns exemplos - têm todos idiomas derivados do que seria o proto-indo-europeu. As diferenças que hoje existem entre a generalidade das línguas da Europa são fruto de desenvolvimentos separados e progressivos que ocorreram após as migrações euro-asiáticas, mas sem que isso tenha apagado vestígios desses primórdios partilhados. Por exemplo, o latim *mater*, o inglês *mother*, o lituano *móte*, o celta *máthir*, o arménio *mayr* e o persa *mâdar*, palavras que querem dizer “mãe”, derivam todas de uma mesma raiz indo-europeia. E o que é verdade para as línguas é igualmente válido para as crenças religiosas, pois os mitos da Índia védica ou os da antiga Pérsia - país a que hoje se chama Irão - apresentam semelhanças com narrativas gregas, celtas ou eslavas precisamente por terem uma origem comum.

No entanto, no estudo de uma mitologia indo-europeia como a nórdica, esse substrato partilhado pode ser problemático. Porque se as semelhanças permitem preencher lacunas e oferecer interpretações por via de uma análise comparativa, também é verdade que as diferentes mitologias indo-europeias, tal como as línguas,

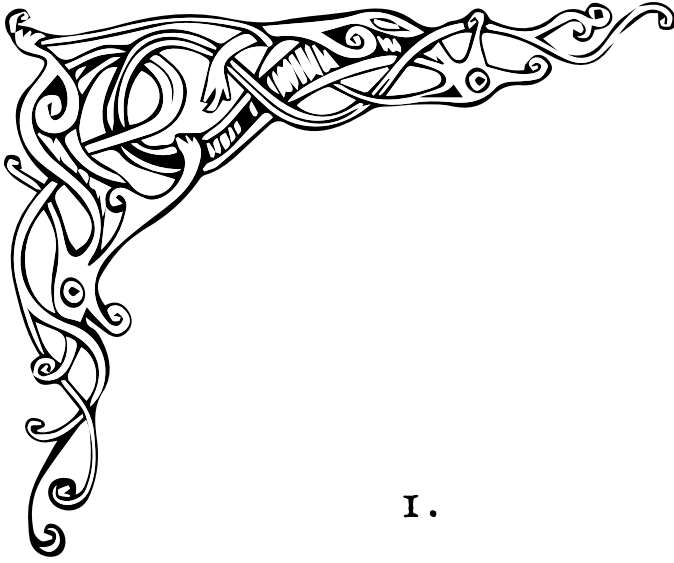


tiveram uma evolução independente ao longo de séculos, produzindo algo que pode ser diferente do original nas personagens e dinâmicas. Dito de outra forma, a mitologia nórdica que conhecemos encontra-se preservada, em quase toda a sua extensão, em documentos escritos depois de 1200, havendo por isso um hiato de talvez cinco milénios entre os mitos sobreviventes e os seus primórdios indo-europeus. E durante esse tempo, certamente que houve transformações sociais e religiosas que alteraram o panteão e as narrativas míticas, ao ponto de, não obstante os vestígios primordiais, elas não poderem ser lidas apenas com base no substrato indo-europeu. Precisamente porque as coisas evoluem, diversificam-se e afastam-se das suas raízes à medida que aumenta a distância cronológica e geográfica.

Veja-se o caso das línguas portuguesa e norueguesa, que têm uma origem comum, mas desenvolveram-se ao longo de séculos de modo diverso e em locais diferentes. De tal forma que hoje não são o mesmo idioma, não são mutuamente inteligíveis e não é possível aprender uma com recurso à gramática da outra. Podemos certamente usar as semelhanças derivadas de uma origem comum para reconstruir o que seria a língua proto-indo-europeia, mas aprendê-la também não é o mesmo que aprender os idiomas modernos, porque isso seria ignorar cerca de cinquenta séculos de evolução e diferenciação. E o mesmo aplica-se às mitologias, que possuem, é certo, semelhanças derivadas de uma raiz comum que podem ser usadas para reconstruir um formato primitivo, mas têm também traços próprios que foram formulados ao longo de milénios de evolução em diferentes contextos e partes do mundo. De tal modo que os vestígios do passado remoto podem ser apenas isso: vestígios! Peças isoladas de uma origem distante, mas já não um sistema completo que dê sentido a toda uma mitologia.

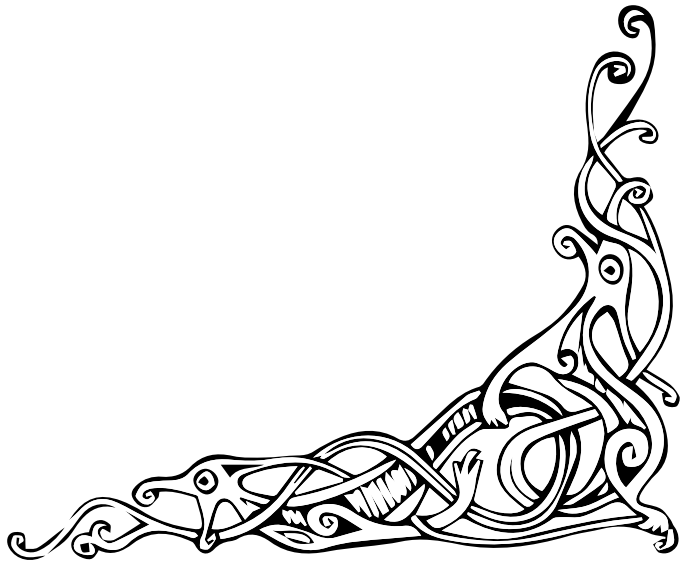
A título de exemplo, considere-se a *suovetaurilia*, que consistia no sacrifício romano de um suíno, um carneiro e um touro, podendo ser reflexo da cultura indo-europeia ancestral, que organizaria o panteão de forma tripartida. É a chamada teoria das três funções, que teve no académico francês Georges Dumézil um dos seus maiores proponentes e defende que os antepassados orientais da





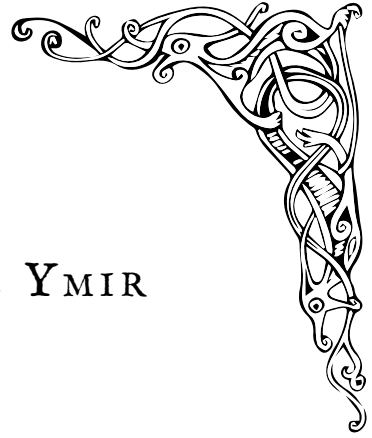
I.

NO COMEÇO





*Yggdrasil* (Franz Stassen, 1920)



## DO CORPO DE YMIR

**N**o início, muito antes da criação do mundo, existia uma terra de fogo chamada Muspell, que está localizada a sul e onde só consegue viver quem nela nasceu. As suas fronteiras são guardadas pelo gigante Surt, que tem uma espada flamejante com a qual um dia fará guerra aos deuses. Existia também Niflheim, a terra da neblina, onde havia uma nascente chamada Hvergelmir e da qual jorravam rios venenosos. No ponto em que se afastaram muito da fonte, os rios congelaram e ergueu-se uma geada que se acumulou ao longo do Ginnungagap, o grande abismo, cujo lado norte ficou coberto por uma pesada camada de gelo. Mas a sul, o calor de Muspell reinava, largando fagulhas, e em resultado disso o centro do abismo era ameno. E quando a geada de Niflheim se cruzou com o calor da terra de fogo, caíram gotas de água e gerou-se vida sob a forma de um ser chamado Ymir, a quem os gigantes de gelo, que dele descendem, dão o nome de Aurgelmir.

Das gotas que caíram sobre o Ginnungagap nasceu também uma vaca chamada Audumla e das suas tetas jorraram quatro rios de leite, dos quais Ymir bebia. E enquanto dormia, o ser primordial também gerou vida: sob o seu braço esquerdo nasceram dois gigantes e das suas pernas um terceiro. Ao mesmo tempo, Audumla alimentava-se de pedras de gelo salgadas e tanto as lambeu que um dia, de uma delas, saiu cabelo, noutra uma cabeça e, ao terceiro dia, o corpo inteiro de um ser chamado Buri. Ele era belo, grande e poderoso e teve um filho de nome Bor, que se casou com Bestla, filha do gigante Bolthorn, e eles tiveram três filhos: um chamava-se





Odin, o outro Vili e o terceiro Vé. Os três irmãos mataram Ymir e foi tanto o sangue que escorreu do seu corpo, que afogou todos os gigantes excepto Bergelmir e a sua mulher, que escaparam numa arca. Deles descendem todos os gigantes de gelo.

Os filhos de Bor levaram depois o corpo de Ymir para o meio do Ginnungagap e lá entregaram-se à tarefa de criar o mundo: da carne do gigante fizeram a terra, dos ossos as rochas, dos dentes o cascalho, do sangue os lagos e mares, do cérebro as nuvens e com o crânio de Ymir deram forma à abóbada celeste, que assentaram sobre o mundo nas mãos de quatro anões - Austri, Vestri, Nordri e Sudri. Depois os filhos de Bor recolheram as fagulhas e chamas que saíam incontrolláveis de Muspell e colocaram-nas no firmamento de modo a que iluminassem o céu e a terra. Ordenaram as estrelas, fixando umas e dando a outras as rotas nas quais elas viajam, e assim passou a ser possível contar os dias e os anos. E a terra, que tem uma forma circular, foi rodeada por um oceano cujas margens exteriores os filhos de Bor deram aos gigantes, para que nelas pudessem viver. Mas o resto da criação eles cercaram com uma muralha, que foi construída a partir das pestanas de Ymir, e a esse espaço fortificado chamou-se Midgard.

Um dia, quando Odin, Vili e Vé passeavam pelo mundo recém-criado, eles encontraram dois troncos numa praia e deles fizeram os seres humanos: o primeiro dos três irmãos deu-lhes o sopro da vida, o segundo ofereceu-lhes consciência e movimento e o terceiro concedeu-lhes a aparência física, os sentidos e a capacidade de falar. E os filhos de Bor deram ainda roupas e nomes aos primeiros humanos, chamando Askr ao homem e Embla à mulher, e deles descende toda a Humanidade, que recebeu Midgard para habitar. Por fim, os três irmãos fizeram uma cidade no meio do mundo, a qual é conhecida como Asgard, e lá tomaram residência os deuses e os seus descendentes. Naquele local há um trono chamado Hli-dskiálf, no qual Odin se senta para conseguir ver tudo o que se passa em todos os mundos. A sua mulher chama-se Frigg, que é filha de Fiorgynn, e deles descende aquela família de deuses a que se dá o nome de Æsir. É por isso que Odin é chamado de Pai de Todos, pois ele é o progenitor de todos os deuses e dos seres humanos e tudo o que existe foi criado por ele. A própria terra é sua filha, mas também sua mulher, e dela Odin teve Thor, o seu primogénito, que é forte e poderoso e por isso capaz de vencer todas as coisas.





## FONTES PRIMÁRIAS

Esta narrativa sobre as origens do mundo e dos deuses provém da *Edda* de Snorri Sturluson, em *Gylfaginning* 4-9 (Faulkes 2000: 9-13). O autor islandês terá retirado muita da informação dos poemas éddicos *Völuspá*, *Vafþrúðnismál* e *Grímnismál* (Larrington 2008: 4-13, 40-9 e 51-60), citando aliás vários versos, pelo que teria em sua posse cópias ou versões das três composições e ainda que as tenha usado de uma forma livre.

## ANÁLISE

O único claro mito de criação nórdico que sobreviveu até hoje começa não com um vazio ou uma divindade onipotente, mas com um abismo e dois elementos, cada qual com o seu mundo: o fogo e o gelo. Talvez haja nisso um reflexo da paisagem islandesa, com os seus vulcões e glaciares, embora o Inverno escandinavo traga neve à generalidade do território, pelo que não é impossível que mesmo em zonas mais a sul se contasse um mito de criação com os mesmos elementos primordiais.

Seja qual for o caso, a história tem contornos primaveris, com a vida a nascer do cruzamento entre o frio de Niflheim e o calor de Muspell, numa espécie de degelo que reflete também uma visão antiga da geografia do mundo: a norte, naquilo a que hoje chamamos o Ártico, existe uma região gelada, como muitos nórdicos certamente saberiam, pelo que era lógico pensar que a sul, onde as temperaturas são mais elevadas, teria que haver uma terra de fogo. E entre esses dois extremos passíveis de serem sentidos no quotidiano existe um espaço ameno, espaço esse que em tempos foi parte de um abismo, mas que hoje é o nosso mundo.

O primeiro ser vivo foi Ymir, antepassado dos gigantes e também dos deuses, por óbvio imperativo genealógico. Mas se ele é referido noutras fontes, nomeadamente em quatro composições da *Edda Poética*, já a vaca Audumla é conhecida apenas pelo texto

